



Cenimar, 5º andar: o dinheiro apreendido no apartamento de Jorge Medeiros Valle

206.600
BOM BURGUEZ

O dinheiro existe. Onde está?

Mas o comandante Poeck é inocente. O Alfredo é outro

Três semanas e uma nota oficial do Ministério da Marinha depois de divulgadas as denúncias de Jorge Medeiros Valle, o Bom Burguês, sobre o desaparecimento de dinheiro por ele desviado do Banco do Brasil, ainda há muitas dúvidas a esclarecer. O que é absolutamente certo é que o dinheiro existe: foi inclusive fotografado, depois da apreensão no apartamento de Jorge, efetuada em 1969 por elementos do Centro de Informações da Marinha (Cenimar), quando já se encontrava no 5º andar desse organismo, seu QG operacional.

A mesa, com o dinheiro apreendido, foi preparada para uma visita do almirante Augusto Rademaker, na época ministro da Marinha.

Sabe-se, inclusive, que um dos agentes que participou da operação sugeriu a seus companheiros — por brincadeira ou não — que eles próprios fizessem a partilha, no ato. Segundo a denúncia de Jorge a ISTOÉ, dos 700 mil cruzeiros ali apreendidos, o auto de apreensão dá conta de apenas 303 mil. Teriam, portanto, desaparecido os restantes 397 mil cruzeiros.

Os Alfredos. A nota do Ministério da Marinha inocenta expressamente um dos oficiais acusados por Jorge de ter participado da transferência — da Suíça para o Brasil — do dinheiro que o ex-bancário enviara para uma conta numerada. Trata-se do comandante João Alfredo Poeck. De fato, Poeck nunca trabalhou no Cenimar, tendo servido sempre na área de informações. Quem participou da operação (durante a qual, ainda segundo Jorge Medeiros Valle, teriam desaparecido cerca de 200 mil dólares, 30 mil francos suíços e 30 mil francos franceses) foi outro Alfredo: o capitão Alfredo

Magalhães, hoje na reserva, com o posto de capitão-de-fragata.

O capitão Alfredo Magalhães integrava a comissão designada pelo ex-ministro Rademaker para trazer de volta ao Brasil o dinheiro que Jorge enviara à Suíça, depois que o ex-bancário foi preso em 1969. Ele e os oficiais Vereza e Francisco Lopes.

Os Ubirajaras. Se Jorge Valle confundiu proposadamente os nomes ou foi levado à confusão, é uma questão a esclarecer. Ocorre que não se trata de um caso isolado de confusão de nomes. Oficiais do Exército citam, por exemplo, o caso do “capitão Ubirajara”: há, de fato, um capitão Ubirajara, do Exército, que comandava uma unidade em São Paulo até recentemente, mas nada tinha a ver com os organismos de repressão. E há um civil — funcionário da Secretaria da Segurança Pública de São Paulo — apelidado de “capitão Ubirajara”. Com esse apelido, esse cidadão figura na lista de torturadores divulgada por alguns semanários, o que não impede que o verdadeiro Ubirajara, capitão de verdade, viva assustado, temendo represálias contra ele e a família.